



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**



A PRESENÇA DA MULHER NO CANGAÇO

GUERDA MÍRIA TORRES DE OLIVEIRA

Natal - 1996

GUERDA MÍRIA TORRES DE OLIVEIRA

A PRESENÇA DA MULHER NO CANGAÇO



Monografia apresentada à cadeira de pesquisa histórica, junto a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo como orientador o professor Wicliffe de Andrade Costa.

Natal - 1996

AGRADECIMENTOS

- A meus pais, pelo esforço que fizeram para garantir a minha estada na Escola, nesta sociedade em que apenas uma minoria tem este direito assegurado.
- A Wicliffe de Andrade Costa, orientador da presente monografia, pela sua dedicação e paciência.
- A Gutemberg Costa, pelo fornecimento de livros que subsidiaram este trabalho.
- Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para a concretização deste trabalho.

SUMÁRIO

1 - O CANGAÇO	07
1.1 - Definição	09
1.2 - Origem	11
1.3 - Antônio Silvino	13
1.4 - Lempão	15
2 - A PRESENÇA DA MULHER NO CANGAÇO	17
2.1 - Ingresso	18
2.2 - Papel exercido	20
2.3 - Vestuário	23
2.4 - Fidelidade	25
2.5 - Sexualidade	27
3 - A MULHER PÓS-CANGAÇO: SILVA	30
3.1 - Vivência no bando	30
3.2 - Retorno	32

A Deus, que nos dá forças para superarmos

os obstáculos da vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 - VISÃO GERAL DO CANGAÇO	09
1.1 - Definição	09
1.2 - Origem	11
1.3 - Antônio Silvino	13
1.4 - Lampião	15
2 - A PRESENÇA DA MULHER NO CANGAÇO	18
2.1 - Ingresso	18
2.2 - Papel exercido	20
2.3 - Vestuário	22
2.4 - Fidelidade	22
2.5 - Sexualidade	24
3 - A MULHER PÓS-CANGAÇO: SILA	30
3.1 - Vivência no bando	30
3.2 - Recomeço	32

CONSIDERAÇÕES FINAIS36

BIBLIOGRAFIA37

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma abordagem histórica do cangaço, enfocando a presença da mulher nesse movimento ocorrido no sertão nordestino.

Através deste pesquisa, esperamos contribuir de forma significativa e esclarecedora acerca dos fatores pelos quais a mulher entrou no cangaço, do papel desempenhado, as influências que exerceu sobre o cangaceiro e possíveis mudanças ocorridas a partir de sua presença.

O primeiro capítulo nos dá uma visão geral do cangaço, ressaltando sua definição enquanto movimento social e suas causas, bem como relata a vida de alguns de seus integrantes.

No capítulo seguinte, analisamos a participação feminina, partindo dos motivos que favoreceram seu ingresso, assim como, o papel exercido dentro do bando, vestuário típico utilizado, fidelidade e sexualidade da cangaceira.

No terceiro e último capítulo, mostramos a vivência da ex-cangaceira Sila, no cangaço, assim como o processo de reconstituição de sua vida pós-cangaço.

VISÃO GERAL DO CANGAÇO

1.1 - Definição

Durante o século XIX, ocorreu no cenário político nacional uma certa divisão entre partidos nacionalmente reconhecidos, sendo um o Conservador e outro Liberal, ou seja, a oposição. Nesse período existia a disputa do poder local por parte dos fazendeiros, pela liderança política da região.

Diante desse cenário político, surgiram os cangaceiros dependentes, grupo de homens armados com domicílio fixo e sustentados por chefes políticos (coronéis). Tinha por objetivo garantir o domínio da propriedade do seu coronel. A relação estabelecida entre o cangaceiro e o fazendeiro era de sujeição, ou seja, a defesa da propriedade em troca de moradia e alimentação. Devido ao tipo de relação construída entre eles, foram esses cangaceiros considerados dependentes.

CAPÍTULO I

VISÃO GERAL DO CANGAÇO

1.1 - Definição

Durante o século XIX, ocorria no cenário político nacional uma certa divisão entre partidos nacionalmente reconhecidos, sendo um o Conservador e outro Liberal, ou seja, a oposição. Nesse período existia a disputa do poder local por parte dos fazendeiros, pela liderança política da região.⁽¹⁾

Diante desse cenário político, surgiram os cangaceiros dependentes, grupo de homens armados com domicílio fixo e sustentados por chefes políticos (coronéis). Tinham por objetivo garantir o domínio da propriedade do seu coronel. A relação estabelecida entre o cangaceiro e o fazendeiro era de sujeição, ou seja, a defesa da propriedade em troca da moradia e alimentação. Devido ao tipo de relação contraída entre eles, foram esses cangaceiros considerados dependentes.

Eram comuns em todo país, embora com diferentes designações, variando de acordo com o local de surgimento.⁽²⁾

Com a Proclamação da República em 1889, estabeleceu-se em partido único o Republicano, fortalecendo as oligarquias e acerrando as disputas locais. Surgiram nesse momento os cangaceiros independentes, grupo de homens armados liderados por um chefe e sem domicílio fixo, tendo como objetivo imediato a sobrevivência do bando, mediante a prática de assaltos e saques.⁽³⁾

Os cangaceiros independentes não tinham relações de subordinação aos coronéis. Eram um grupo específico e esporádico do sertão nordestino, que possuía autonomia em relação aos proprietários de terra. Diante da ameaça que representavam para os coronéis, estes estabelecem com eles aliança com o intuito de garantir e proteger suas propriedades. Os chefes políticos tornaram-se intermediários dos cangaceiros na obtenção do grupo, contribuindo significativamente para a continuidade do cangaço e impunidade de seus integrantes.

Embora estes grupos de cangaceiros possam ter em comum o local de origem, ou seja, o Nordeste brasileiro, existiram diferenças quanto às condições econômicas e às relações estabelecidas, entre estes e os coronéis (sujeição e autonomia).

O cangaceiro dependente surgiu de uma economia baseada na pecuária, ou seja, considerada civilização do couro. O independente é proveniente de um período de grandes secas e dificuldades econômicas, no qual o cangaceiro representava melhores condições de sobrevivência e atraía muitos jovens em busca de uma perspectiva de vida e respeito perante a população.

1.2 - Origem

O cangaço surgiu como movimento característico do Nordeste brasileiro (sertão), durante a transição do século XIX ao XX. Dentre suas causas, ressaltamos a desorganização social da economia, condições climáticas, miséria, rivalidades entre famílias, analfabetismo e fragilidade das instituições públicas.

Diante da concentração do poder nas mãos dos coronéis, as grandes secas ocasionaram a fome e a miséria da população. Estas associadas à falta de instrução e à debilidade das instituições responsáveis pela lei, ordem e justiça, que favoreciam a facção local que estivesse no poder, tornaram o cangaço uma possibilidade de ascensão econômica, ou seja, um meio de sobrevivência. A vida nômade e a liberdade do cangaceirismo exerceram

fascínio sobre os jovens da região, que buscavam uma vida fácil e respeito perante a população.

O coronel constituiu um elemento presente no cangaceirismo, devido a sua participação como coiteiro (protetor), contribuindo para a continuidade e impunidade do cangaço, uma vez que contraía, alianças com os cangaceiros, mediante a ameaça que estes representavam. O cangaceiro recebia armas, munições, alimentos e proteção, garantindo ao fazendeiro não saquear suas terras e manter o controle social. Apesar da autonomia que o cangaceiro possuía em relação ao coronel, era utilizado para evitar revoltas sociais, devido ao temor e respeito que exercia sobre a população, favorecendo também os currais eleitorais que determinavam o poder local: por outro lado, o coronel exercia a função intermediária na comercialização de armas e munições. A classe dos coiteiros (coronéis) era diversificada, podendo pertencer a qualquer categoria social.⁽⁴⁾

Os cangaceiros não possuíam consciência social, ou seja, não tinham objetivos específicos, ambições políticas ou mesmo reivindicações. O caráter de suas ações era imedialista: saqueavam, roubavam e matavam, em busca da sobrevivência e segurança do bando. Eram considerados justos em relação ao cumprimento de suas próprias leis, como também tementes a Deus, utilizando orações fortes para obterem proteção.

1.3 - Antônio Silvino

Nascido em 1875, em Pernambuco, tinha como nome de batismo Manoel Baptista de Moraes, sendo proveniente das grandes parentelas do Nordeste e considerado um dos chefes mais importantes, que conseguiu se impor à estrutura sócio-econômica e política vigente. Ingressou no cangaço com objetivo de vingar a morte de seu pai (rivalidade entre famílias) em 1896. Com Antônio Silvino inaugura-se as lutas contra a polícia e as autoridades locais. Seu bando era composto por poucos homens - apenas cinco ou seis companheiros - e boas armas. Carregou consigo sempre um rifle, punhal, pistola, cartucheiras. Agia através de saques, assaltos, cobrança de impostos a negociantes, assassinando e semeando a terra pelo sertão nordestino.

Devido às alianças contraídas com os coronéis, Antônio Silvino conseguiu percorrer o sertão sem ser capturado pela polícia. Possuindo coiteiros, das mais diversas classes sociais, que lhe davam proteção.

A partir de 1910 casou-se com a filha de um fazendeiro. Embora casado, sua mulher, Juventina Maria da Conceição (Tita), continuou morando com a família, recebendo visita do marido durante os intervalos de suas

aventuras, pois nesse período não se permitia que a mulher fizesse parte do bando.⁽⁵⁾

Em 1912, Antônio Silvino tentou modificar sua vida. Interferiu na política, fazendo comício recomendando candidaturas. Nesse momento pediu intercessão junto ao Governo do Estado para o perdão de suas atrocidades. Obtendo resposta negativa, retomou suas atividades, autoproclamando-se “Governador do Sertão”, desconhecendo qualquer legitimidade dos Governos locais ou regionais.

Foi capturado em 1918, sendo levado para Recife para ser julgado e condenado a trinta anos de reclusão. Após a anistia de Getúlio Vargas aos cangaceiros, foi libertado depois de ter cumprido vinte anos de prisão. Transferiu-se para o Rio de Janeiro na tentativa de refazer sua vida, pleiteando um emprego público ao presidente da República.

Em 1944 Antônio Silvino faleceu, permanecendo sua esposa no Rio de Janeiro até 1955, quando, com seus filhos, retornou para seu Estado natal.

1.4 - Lampião

Virgulino Ferreira da Silva, nasceu em 07 de julho de 1897 na Comarca de Vila Bela, Pernambuco. Era filho de José Ferreira dos Santos e Maria Lopes da Silva. Ingressou no cangaço em 1916 no bando de Sinhô Pereira, devido a rivalidades existentes entre famílias, o que era comum nesse período. Tornou-se, após a morte de seu pai, cangaceiro profissional, devido a seu objetivo de vingança, escolhendo o cangaço como meio de sobrevivência.⁽⁶⁾

Lampião assumiu a liderança do bando quando Sinhô Pereira abandonou o cangaço. A partir desse momento, contraiu alianças com coronéis influentes, como forma de obter alimentos, armas, munições e proteção ao grupo. Retribuía com a preservação da propriedade do coronel, de saques e assaltos.

Mediante as alianças contraídas com os coiteiros das mais diversas classes sociais, Lampião tornou-se a maior autoridade da caatinga. Sendo um homem temido e admirado por muitos, conseguiu permanecer por muito tempo no cangaço.

A presença da mulher a partir de 1930, consistiu numa mudança nos padrões de comportamento do grupo liderado por Lampião.

Embora considerado por muitos como cruel, Lampião fazia uso de orações, como meio de obter proteção, mostrando sua religiosidade. Foi um homem justo perante as leis de seu bando. Atribui-se a sua morte, no massacre de Angicos, em 1938, à traição de um de seus coiteiros.

3. *Id., ibid.*, p.22

4. ROCHA, Melchiorides de. Bandoleiros dos Caratingas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1968, p.119

5. PEREIRA QUIRÓS, Maria Isaura. Os Cangaceiros. São Paulo: ed. Duas Cidades, 1977. p.44

6. *Id., ibid.*, p.47

NOTAS:

1. PEREIRA QUEIRÓS, Maria Isaura. Os Cangaceiros. São Paulo: ed. Duas Cidades, 1977. p.24
2. *Id.*, *ibid.*, p.26
3. *Id.*, *ibid.*, p.27
4. ROCHA, Melchiades da. Bandoleiros das Caatingas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p.119
5. PEREIRA QUEIRÓS, Maria Isaura. Os Cangaceiros. São Paulo: ed. Duas Cidades, 1977. p.44
6. *Id.*, *ibid.*, p.47

CAPÍTULO II

PRESENÇA DA MULHER NO CANGAÇO

2.1 - Ingresso

As mulheres sempre estiveram presente na história do cangaço, embora não como integrantes do bando, mas como esposas ou amantes. Seu ingresso definitivo ocorreu somente a partir de 1930, quando Maria Bonita transgrediu às normas da sociedade abandonando seu marido, José de Neném, para ingressar o bando de Lampião, propiciando o acesso às demais mulheres.⁽¹⁾

Dentre os motivos que fizeram com que as mulheres ingressassem no cangaço, podemos ressaltar o amor, ou simpatia, e o temor.

Os cangaceiros exerciam um fascínio sobre as sertanejas, em virtude de sua valentia e da liberdade que o cangaço podia oferecer, assim como a possibilidade de ascensão econômica. O cangaceiro representava dinheiro e futuro promissor diante de uma sociedade rural atrasada economicamente e sem perspectivas.⁽²⁾

Levando-se em consideração as condições de servidão a que a mulher estava submetida numa sociedade de exacerbado machismo, como simples objeto de prazer masculino, seu ingresso no cangaço representou uma revolução feminista, rompendo com as barreiras do autoritarismo e adquirindo respeito perante os homens. Além disso, conquistava a liberdade sexual, em relação aos tabus existentes da sociedade, já que era considerada escrava do casamento e alvo onde o homem descarregava sua energia sexual.⁽³⁾

Podemos dizer que diante da condição em que a mulher sertaneja se encontrava na sociedade em que vivia, o ingresso no cangaço representou sua emancipação, pois poderia mostrar toda a sua feminilidade, não obstante sua vida cotidiana ser árdua e incerta.

Outro fator que favoreceu o ingresso de mulheres no cangaço

concerne ao temor que o cangaceiro exercia sobre a população. Diante dessa situação, a mulher ao ser escolhida pelo cangaceiro, não tinha outra alternativa senão acompanhar o seu futuro companheiro e se adaptar, a vida do cangaço, sendo portanto uma mulher corajosa, honesta e fiel.⁽⁴⁾

2.2 - Papel Exercido

As mulheres sertanejas, ao entrarem no bando, adquiriram respeito e foram consideradas cangaceiras e não simplesmente companheiras dos cangaceiros. possuíam direitos iguais perante os homens no que concerne a divisão de tarefas dentro do grupo. Dentre as funções exercidas, ressaltamos a confecção das indumentárias do cangaço, assim como a sua dedicação e amor ao companheiro, cumprindo um dos requisitos fundamentais das normas do bando, a fidelidade. No entanto aos homens este requisito era relevado.

As cangaceiras não possuíam domicílio fixo, por isso as funções domésticas comuns às demais sertanejas da época não existiam dentro do bando.



Algumas modificações no padrão de comportamento do cangaceiro atribuem-se à presença feminina no cangaço, ressaltando-se a moderação da excessiva crueldade: mediante a influência da mulher, foram evitados estupros e mortes. Outra alteração concerne a maior permanência do cangaceiro em seus acampamentos, procurando ter uma vida normal na medida do possível. Não se pode, no entanto comprovar com exatidão estas afirmações devido à não constatação dos fatos.⁽⁵⁾

Quanto à existência de estupros, não há constestação, constatando-se que geralmente as vítimas tinham ligações com a polícia. Essa prática era considerada válida como forma de vingança, condenada e punida quando os cangaceiros transgrediam as normas do bando, ou seja, desrespeitavam as mulheres e filhas dos coiteiros (coronéis).⁽⁶⁾

A diminuição dos estupros não se pode atribuir exclusivamente à presença da mulher no cangaço, pois os cangaceiros sempre tiveram meios de satisfazer seus desejos sexuais nas antigas casas de prostituição. Eram considerados heróis românticos do sertão, sendo bastante cobiçados.

A maior contruibuição feminina concerne à confecção do

vestuário do bando, anteriormente feito pelos homens, sendo inovado com bom gosto e habilidade. Desta forma, conseguiu despertar a vaidade masculina, assim como marcar uma época através das alterações feitas (variação de cores, incrustações de pedras preciosas, diversificação de desenhos bordados).

A penalidade atribuída à cangaceira, quando esta transgredia um dos requisitos básicos do grupo, a fidelidade, constituiu uma inovação no padrão de comportamento do cangaceiro: por questão de honra, a mulher infiel seria punida com a morte.

2.3 - Vestuário

O vestuário, anteriormente feito por homens, tornou-se uma característica marcante do cangaceirismo a partir de 1930, quando ganha uma nova versão com a presença das mulheres na arte da costura.

A partir desse momento, as indumentárias tornaram mais ricas e criativas, devido à habilidade e o bom gosto feminino, através da

diversificação das cores e desenhos utilizados. Embora com pouco tempo de uso, após inovações os trajes do cangaço conseguiram marcar uma época e despertar a vaidade masculina.

Existiram dois tipos de vestimenta no cangaço: o primeiro, considerado traje típico, era composto por um vestido de mescla ou gabardine de cinza claro, com comprimento abaixo dos joelhos e mangas compridas. Nas mãos usavam luvas do tecido do vestido, para se protegerem dos arranhões em espinhos. Faziam uso de alpercatas de boa qualidade e resistentes.

O vestuário do cangaço era caracterizado pela resistência e durabilidade do material utilizado.

Como complemento ao vestuário, as mulheres usavam lenços de seda de cores fortes no pescoço, presos por alianças de ouro, assim como correntes de ouro, medalhões com incrustações de pedras preciosas (brilhantes, rubis ou esmeraldas). traziam consigo sempre medalhas de santos para obterem proteção. Sob o vestido de pano grosso existia outro de seda ou tecido fino, calças de tecido (comuns à época) e porta-seios (sutiãs)

Dentre os acessórios utilizados pelas mulheres, estavam os bornais, cantis, cartucheiras para balas de revólver. Nos bornais levavam mudas de roupas, ouro, munição, remédios caseiros para situação de emergência, revólver e punhal para autodefesa.

As mulheres não usavam chapéu de couro, típico do cangaço, mas um chamado baeta, com um lenço envolvido.

O segundo traje era um vestido, de seda ou outro tecido fino e leve, geralmente utilizado em locais seguros e secretos, considerado traje civil.⁽⁷⁾

Apesar da árdua e inconstante vida no cangaço, a mulher cangaceira não relegava sua vaidade, trazendo sempre uso de jóias, alpercatas, cabelos presos e meias como proteção aos arranhões de espinhos. Dentro do bando existia uma certa competição quanto à ostentação do luxo.⁽⁸⁾

2.4 - Fidelidade

O ingresso das mulheres no cangaço representou a sua

emancipação, em relação aos tabus existentes na sociedade da época. A liberdade adquirida e os direitos conquistados representaram um avanço da cangaceira em relação às demais jovens sertanejas.

Numa sociedade machista e atrasada, o conceito de fidelidade sempre esteve presente e foi cobrado das mulheres, considerando-se falta grave a transgressão dessa norma.

No bando não era diferente, pois um dos requisitos fundamentais à mulher era a fidelidade, não se permitindo que possuísse mais de um companheiro. Em caso de infidelidade as normas eram bastante severas e a penalidade era a morte da mulher.

A infidelidade masculina era vista como normal, assim como as doenças sexualmente adquiridas enalteciam o ego dos cangaceiros.

Quanto aos questionamentos existentes acerca da fidelidade de Maria Bonita, não existem fatos que os apóiem.⁽⁹⁾ As cangaceiras eram consideradas esposas fiéis e devotas, embora existissem as exceções.

2.5 - Sexualidade

Numa sociedade rural atrasada, na qual se fazia presente a repressão e proibição do sexo às mulheres, concebível apenas pós-casamento, o ingresso ao cangaceirismo representou a transgressão das normas e valores existentes, devido a liberdade sexual adquirida através da união com o cangaceiro, embora não reconhecida perante a sociedade civil.

O cangaço possibilitou a liberação da sexualidade feminina, assim como a descoberta do erotismo e satisfação dos desejos sexuais da cangaceira. Existiam mulheres que se mostraram fogosas e assediavam sexualmente seus companheiros de bando.⁽¹⁰⁾

No bando a promiscuidade era proibida. Em casos de viuvez da cangaceira esta teria que se unir a outro cangaceiro.

A intimidade do casal era reservada existindo acampamento para casais e solteiros. Os cangaceiros eram considerados respeitados e carinhosos com suas companheiras.

Diante da falta de esclarecimento em relação a métodos anticoncepcionais, bem como devido a natureza machista do homem sertanejo, não existia, por parte das mulheres, uma preocupação em relação ao controle de natalidade (prevenção), haja vista que a mulher sertaneja por tradição tinha certa de quinze a vinte filhos, motivo de enaltecimento da virilidade masculina.

Mediante depoimento da ex-cangaceira Sila, com quem contactamos através de telefone, podemos constatar que, embora não houvesse a utilização de métodos anticoncepcionais por parte das cangaceiras, o aborto espontâneo (fator comum ao ritmo de vida do bando) se fazia constante, podendo ser considerado como método de prevenção pois de certa forma contribuiu para o controle de natalidade no cangaço. Outro fator de redução do número de gestações seria a não coincidência do ato sexual com o período fértil da cangaceira, ou seja, o biológico. Considera-se ainda os casos em que a criança nascia morta.

A gravidez constituía uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas mulheres no cangaço. A vida nômade da cangaceira não oferecia cuidados médicos necessários durante a gravidez e parto.

O parto geralmente ocorria no mato de forma improvisada,

apenas com presença do companheiro e das demais mulheres, que auxiliavam no que fosse necessário. Após o ascimento da criança, a cangaceira teria que entregar seu filho a alguém de confiança para ser educado e ter sua identidade resguardada, não comprometendo a segurança do bando.

O cangaço não oferecia condições para a permanência de crianças, tornando-se necessário o estabelecimento prévio do destino dos filhos das cangaceiras, momento este de sofrimento para a mãe.

3 - *Id., ibid.*, p. 99.

4 - ARAÚJO, Antônio Amálio Corrêa de. Lampião e as mulheres do cangaço. Rio de Janeiro: [s.n.] 1978. p. 19.

5 - CHANDLER, B. J. Lampião o rei dos cangaceiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1930. p. 180.

6 - *Id., ibid.*, p. 181.

NOTAS:

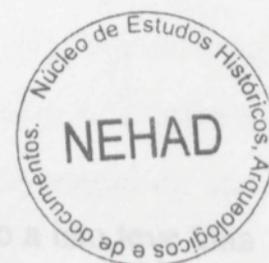
- 1 - ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. Lampião e as mulheres do cangaço. Rio de Janeiro: [s.n] 1978. p. 374.
- 2 - CHIAVENATO, Júlio J. Cangaço: A força dos coronéis. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 105
- 3 - *Id., ibid.*, p. 99.
- 4 - ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. Lampião e as mulheres do cangaço. Rio de Janeiro: [s.n] 1978. p. 19.
- 5 - CHANDLER, B. J. Lampião o rei dos cangaceiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 180.
- 6 - *Id., ibid.*, p. 181.

7 - ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. Lampião e as mulheres do cangaço. Rio de Janeiro: [s.n] 1978. p. 107

8 - CONFISSÕES, d'uma cangaceira. São Paulo: [s.ed] 1988. p. 19.

9 - ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. Lampião e as mulheres do cangaço. Rio de Janeiro: [s.n] 1978. p. 181.

10 - CHIAVENATO, Júlio J. Cangaço: A força dos coronéis. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 101.



CAPÍTULO III

A MULHER PÓS-CANGAÇO: SILA

3.1 - Vivência no bando

Ilda Ribeiro de Sousa (Sila) nasceu no dia 26 de outubro de 1924, na fazenda Recurso, em Poço Redondo, no Estado de Sergipe, proveniente de uma família de oito irmãos, cujos pais eram Paulo Gomes de Sousa e Josefa Gomes de Sousa.

Aos seis anos de idade ficou órfã de mãe. Devido a isto teve uma educação paternalista, que contribuiu para a formação de sua personalidade forte.

Em 1937, perdeu seu pai, assumindo, junto com sua irmã Maria, a responsabilidade da casa (afazeres domésticos). Nesse momento aos treze anos, Sila mostrava-se uma pessoa comunicativa, vaidosa e religiosa.

O primeiro contato com os cangaceiros ocorreu quando Sila tinha catorze anos. Nesse momento conheceu Zé Sereno, seu futuro companheiro, que chegou a sua casa à procura de alimentos.

O ingresso de Sila no cangaço ocorreu mediante ameaça de Zé Sereno, devido ao temor que os cangaceiros exerciam sobre as pessoas. A mulher sertaneja, ao ser escolhida, não tinha outra alternativa senão ceder.

Devido ao conhecimento da presença de Sila no cangaço, seus irmãos, Manoel, Gumercindo e Antônio passavam a sofrer perseguições da polícia. A partir desse momento receberam convite para entrar no bando, adquirindo pseudônimos: Novo Tempo, Mergulhão e Marinheiro, respectivamente. A presença de seus irmãos no cangaço trouxe satisfação a Sila, que se sentiu como se de certa forma, lhe tivesse sido restituída sua família.

A vida no cangaço era árdua e não oferecia contato. Tornando-se saliente as dificuldades enfrentadas por Sila durante a gestação (ausência de cuidados médicos e domicílio fixo) e parto (ocorrido no mato e improvisado).

Para Sila, o parto trazia ao mesmo tempo alegria e tristeza, pois o filho tão esperado teria que ser entregue a alguém de confiança já que no bando não se permitiam crianças.

A vida do cangaço não permitia à cangaceira ser mãe. Após o parto a mulher retomava sua rotina sem qualquer tipo de resguardo.

No dia 28 de julho de 1938, ocorreu o massacre dos cangaceiros em Angicos, no Estado de Sergipe. Ao escutar o primeiro tiro, Sila pegou seu bernal e correu, e procurou desviar-se das balas entrando no mato. Nessa ocasião encontrou seu companheiro Zé Sereno, que lhe confirmou a morte de vários integrantes do grupo, incluindo Lampião e Maria Bonita. Esse episódio consolidou o término do cangaço.

3.2 - Recomeço

Depois da tragédia em Angicos, Sila, Zé Sereno e alguns companheiros permaneceram escondidos no mato e posteriormente em casa de coiteiros de confiança (coronéis), devido a perseguição da polícia.

O presidente Getúlio Vargas proclamou anistia aos cangaceiros que se entregassem à polícia. Diante dessa informação, Zé Sereno e alguns de seus companheiros decidiram apresentar-se as forças policiais de Serra Negra, Bahia. Nessa ocasião, Sila e Zé Sereno realizaram seu casamento religioso.

A anistia adquirida representava um momento de reflexão para os cangaceiros, devido as transformações de suas vidas.

Sila e Zé Sereno, juntamente com outros companheiros, seguiram para o sul da Bahia, instalando-se na fazenda Rio Novo, município de Jequié, para trabalhar na lavoura de cana.

Em pouco tempo Zé Sereno, tornou-se feitor da fazenda e Sila costureira. Nesse momento Sila engravidou. Estava em condições diferentes da sua gestação anterior possuindo domicílio fixo e cuidados necessários durante a gravidez, bem como a assistência de uma parteira no nascimento de sua filha Gilaene.

Devido ao não recebimento do salário correspondente ao seu

trabalho, Zé Sereno e seus companheiros entraram em atrito com o dono da fazenda, senhor Cardoso, que provocou sua saída para a cidade de Itambé, na Bahia.

Ao chegar a Itambé, Sila passou a trabalhar como lavadeira e Zé Sereno como servente. Mas devido a perseguições do fazendeiro Cardoso, seguiram para Jordânia, Minas Gerais, à procura de um primo de Zé Sereno, comerciante, fazendeiro e metido na política. Zé Sereno ficou trabalhando com seu primo até sua transferência para fazenda dos Junqueiras em, Martinópolis, São Paulo, na qual permaneceram um ano, retornando a Jordânia.

Com perspectivas de melhores condições de vida e diante da ascensão do parque industrial de São Paulo, Zé Sereno transferiu-se para o bairro da Penha, na capital paulista. Passou a trabalhar por conta própria, vendendo peixe na rua. Posteriormente arranhou um emprego de vigia, na fábrica Matazzaro, enquanto Sila fazia trabalhos manuais para ajudar nas despesas da casa.

Depois de certo tempo, Zé Sereno e Sila passaram trabalhar no

frigorífico Arno. Nessa ocasião Sila já contava com a ajuda de seu filho Gilaene, com treze anos, e Ivo com doze, no orçamento da casa.

Posteriormente Zé Sereno saiu do frigorífico para trabalhar como funcionário público municipal e Sila começou a confeccionar roupas para o grupo de lojas denominado Barulho da Lapa.

O recomeço de Sila foi marcado por muitas dificuldades econômicas e culturais. Exercendo as mais diversificadas funções, devido a necessidade de sobrevivência da família. O fato de ser nordestina e ex-cangaceira fez com que sofresse preconceito das pessoas da cidade.

Sila, sertaneja forte, conseguiu superar todos os obstáculos existentes e se tornar fonte viva da história do cangaço, contribuindo com suas memórias para o maior conhecimento da presença feminina no cangaceirismo.

Atualmente reside na capital paulista e constantemente realiza viagens para várias partes do país, com a finalidade de contar sua vivência como mulher cangaceira. Através das palestras que realizou nesses encontros com grupos de várias áreas, surgiu a necessidade de escrever um livro,

Sila: Memórias de guerra e paz, o qual utilizamos como fonte de pesquisa neste trabalho.

Após estudo realizado acerca do assunto podemos concluir que a presença feminina no cangaço representou uma emancipação da mulher sertaneja.

O ingresso das mulheres, que anteriormente não se faziam presentes no bando, mas atuavam enquanto esposas ou amantes dos cangaceiros, constituiu uma mudança significativa na estrutura do cangaço.

Constatamos que, mediante sua força e determinação, a mulher sertaneja cangaceira, conseguiu superar as dificuldades existentes e reconstruir sua vida, na fase pós-cangaço, contribuindo historicamente como fonte de conhecimento acerca da presença feminina no cangaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estudo realizado acerca do assunto podemos concluir que a presença feminina no cangaceirismo representou uma emancipação da mulher sertaneja.

O ingresso das mulheres, que anteriormente não se faziam presentes no bando, mas atuavam enquanto esposas ou amantes dos cangaceiros, constituiu uma mudança significativa na estrutura do cangaço.

Constatamos que, mediante sua força e determinação, a mulher sertaneja cangaceira, conseguiu superar as dificuldades existentes e recomeçam sua vida, na fase pós-cangaço, contribuindo historicamente como fonte de conhecimento acerca da presença feminina no cangaceirismo.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - ALBUQUERQUE, Ulisses Lins de. Um sertanejo e o sertão. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1957.
- 2 - ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de . Lampião e as mulheres do cangaço. Rio de Janeiro: [s.n]: 1978
- 3 - CHIAVENATO, Júlio J. Cangaço: A força dos coronéis. São Paulo: Brasiliense,1990.
- 4 - CHANDLER,B. J. Lampião o rei dos cangaceiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- 5 - CONFISSÕES, d'uma cangaceira. São paulo: [s.ed] 1988
- 6 - DÓRIA, Carlos Alberto. O cangaço. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

- 7 - FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- 8 - LIMA, Estácio de. O mundo estranho dos cangaceiros. Salvador: ed. Itapoã, 1965.
- 9 - MACIEL, Frederico Bezerra. Lampião, seu tempo e seu reinado. Rio de Janeiro: Vozes, 1988. v. 6.
- 10 - PEREIRA QUEIRÓS, Maria Isaura. Os cangaceiros. São Paulo: ed. Duas Cidades, 1977.
- 11 - ROCHA, Melchiades da. Bandoleiros das caatingas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- 12 - SOUZA, Ilda Ribeiro, Orrico, Israel Araújo. Uma cangaceira de Lampião. São Paulo: Traço Editora, 1984.

13 - SOUZA, Ilda Ribeiro de. Sila: Memórias de guerra e paz. Recife:
Imprensa Universitária, 1995.

